



Implicações da ausência da disciplina Jornalismo Cultural no curso de Comunicação Social da Ufam¹

Luiza Elayne AZEVEDO²

Rosiel do Nascimento MENDONÇA³

Universidade Federal do Amazonas, Manaus, AM

Resumo

Este artigo tem o objetivo de relacionar e analisar, através de pesquisa bibliográfica, o jornalismo cultural enquanto especialidade jornalística e enquanto disciplina presente em alguns cursos de Comunicação, ressaltando a função que essa especialidade desempenha no contexto sociocultural. Tendo em vista que o curso de Comunicação Social da Universidade Federal do Amazonas (Ufam) não oferece uma disciplina plena de Jornalismo Cultural, pretende-se também analisar até que ponto algumas disciplinas de conteúdos afins, a exemplo de Antropologia Cultural e Sociologia, oferecem subsídios para o ensino e a prática de um jornalismo voltado para a cultura.

Palavras-chave: jornalismo cultural; cultura; ensino; Ufam.

Introdução

Pode acontecer de um calouro ingressar em um curso de Comunicação Social, mais especificamente na habilitação de Jornalismo, sem saber o que vai encontrar pela frente ou com que rapidez as suas opiniões e visões de mundo vão se modificar ao longo do tempo. Quem sabe depois das primeiras aulas de Sociologia esse acadêmico já tenha uma vaga noção de um dos maiores valores da profissão: o papel singular que o jornalista desempenha no dia-a-dia, que é nada menos que fazer a sociedade se comunicar consigo, quer seja através da grande mídia ou das mídias de menor porte. Mas esse é um campo de ação/atuação tão vasto que se torna quase impossível estudá-lo de uma só vez. Daí a necessidade de delimitá-lo. Neste artigo, por exemplo, a delimitação que se propõe é aquela que nos possibilitará estudar o jornalismo aplicado ao campo da cultura, como essa relação se processa e quais as suas implicações quanto ao ensino e exercício da profissão.

Em primeiro lugar, esta pesquisa surge a partir do seguinte problema: o curso de Comunicação Social, habilitação em Jornalismo, da Universidade Federal do Amazonas

¹ Trabalho apresentado no IJ 01 – Jornalismo do IX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Norte, realizado de 27 a 29 de maio de 2010.

² Jornalista, Doutora em Ciências Ambientais, professora do Decom/Ufam, tutora do Programa de Educação Tutorial de Comunicação Social (PETCom) e líder do Grupo de Estudos e Pesquisas em Comunicação Social (Gepecs). E-mail: luindia@uol.com.br

³ Graduando do 5º período de Jornalismo da Universidade Federal do Amazonas, bolsista do PETCom e colaborador do Gepecs. E-mail: rosielmendon@hotmail.com



(Ufam) não oferece uma disciplina de Jornalismo Cultural em suas grades curriculares (uma de 1984, ainda vigente, e outra mais recente, que passou a ser implementada com as turmas que ingressaram a partir de 2009). A partir daí, pergunta-se: quais as implicações dessa ausência para a realidade do jornalismo local? De que forma essa situação pode ou tem sido contornada?

Em segundo lugar, é importante que se diga que a cultura, enquanto objeto de estudo, é um campo teórico e prático tão vasto quanto o próprio jornalismo. Em vista disso, faz-se necessária uma breve digressão com vistas a entender melhor esse campo e a maneira como ele será compreendido aqui.

De acordo com Santos (s/d), as reflexões em torno da cultura remontam à Antiguidade, mas é somente a partir de meados do século 18 que ela passa a ser objeto de estudos sistemáticos no intuito de interpretar a História a partir das particularidades que diferenciam os povos. Featherstone (1995) acrescenta que o interesse contemporâneo pelas questões culturais ganhou impulso com o surgimento de movimentos e correntes de pensamento como o feminismo, o marxismo, a semiologia, a teoria crítica e a psicanálise. O autor ainda associa ao pós-modernismo⁴ o que ele descreve como “eclipse de um sentido específico e coerente de cultura” (a partir da estetização da vida cotidiana, em que tudo é passível de se tornar arte).

Dessa forma, a cultura, palavra que tem sua origem no verbo latino *colere*, cultivar, pode ser manifestada e vista sob diversos aspectos. Segundo Santos (s/d), entretanto, a preocupação com uma definição exata do termo deveria ser menor frente à preocupação em identificar os motivos de tamanha variação de significados. Para o autor, a cultura é nada menos que uma das mais importantes dimensões de qualquer sociedade, sendo, para tal, resultado de um conjunto dinâmico de processos sociais e históricos. Por isso, ela se converte em um instrumento legítimo de interferência na realidade, um elemento político:

“Vejam, pois, que a discussão sobre cultura pode nos ajudar a pensar sobre nossa própria realidade social. De fato, ela é uma maneira estratégica de pensar sobre nossa sociedade, e isso se realiza de modos diferentes e às vezes contraditórios” (p.12).

Um dos seus significados pode ser tomado, por exemplo, em relação à formação escolar e intelectual de um determinado indivíduo; desse modo, o indivíduo “culto” é

⁴ “Reação estética ao alto modernismo, que misturava características das chamadas cultura superior e inferior” (KELLNER, 2001, p. 50).



aquele que teve acesso aos estudos regulares e fez um bom aproveitamento deles; daí surge a expressão “bagagem cultural”, no sentido de denominar o conjunto de conhecimentos que um indivíduo traz consigo ao longo da vida. A idéia de cultura como desenvolvimento intelectual representa, para Thompson (1995), a concepção clássica do termo, mas que ainda está fortemente inculcada no pensamento do senso comum e que transparece conotações etnocêntricas.

Há ainda a concepção descritiva (THOMPSON, 1995), umbilicalmente relacionada com os estudos culturais de caráter comparativo que a Antropologia passou a desenvolver entre os séculos 18 e 19. Sob esta concepção, a cultura se define como um conjunto de costumes, crenças, práticas, ferramentas, dentre outras coisas, de um determinado povo; são os elementos que caracterizam e diferenciam um povo do outro.

Além disso, fala-se em cultura fazendo referência a determinadas expressões artísticas e manifestações estéticas, como as artes plásticas, a música, a literatura, entre outras; ou seja, construções ou formas simbólicas às quais atribuímos sentido dentro de contextos sociais. Thompson (1995) define ainda a cultura moderna como um processo de produção e circulação de bens simbólicos, situados em uma esfera de consumo mercantilista e de transmissão global. Esse sentido de cultura, que mantém relação direta com o que denominamos indústria cultural, parece ser o mais explorado pelo jornalismo contemporâneo.

Freitag classifica a indústria cultural como sendo “a forma *sui generis* pela qual a produção artística e cultural é organizada no contexto das relações capitalistas de produção, lançada no mercado e por este consumida” (2004, p. 72). Este termo é fruto de uma das linhas teóricas (Teoria Crítica) da Escola de Frankfurt e surgiu com a publicação da obra *A Dialética do Esclarecimento*, em 1947, assinada pelos teóricos Theodor Adorno e Max Horkheimer. Em linhas gerais, a Teoria Crítica denunciava a mercantilização dos bens culturais (objetos de arte, principalmente) promovida a partir da formação de uma verdadeira indústria voltada para a produção e promoção do consumo desses bens. Para Walter Benjamin, outro teórico da Escola de Frankfurt, essa mercantilização só se tornou possível com o desenvolvimento dos meios de reprodutibilidade técnica, que por sua vez permitiram uma significativa massificação da arte e a sua transformação em produto de consumo, com valor no mercado.

Adorno e Horkheimer, por interpretarem essa massificação como sendo nociva tanto para as artes consagradas (auráticas, para usar uma definição de Benjamin) como para quem a consome sem possuir os dispositivos básicos para a sua



sublimação/entendimento, são encarados como defensores de uma elite que rejeitava as manifestações culturais não-eruditas. Benjamin, por outro lado, enxerga nessa dissolução aurática (quebra da unicidade a partir dos meios de reprodução) uma oportunidade de a arte ser utilizada para fins de politização da massa que a consome. Assim, “os meios de comunicação de massa, especialmente o cinema, poderiam ser usados de maneira mais crítica, não para duplicar as ilusões, e sim para demonstrar que a realidade era ilusão” (FEATHERSTONE, 1995, p. 108). Essa divergência de pensamentos se encontra no cerne das discussões em torno do dualismo entre cultura popular, ou de massa, e cultura erudita.

Jornalismo e cultura

Piza (2008) conta que “desde o surgimento dos chamados ‘meios de comunicação de massa’ debate-se o papel do jornalismo em face dessa realidade” (p. 43). Kellner (2001), por sua vez, ao propor um estudo que não desconsidere a relação mídia/cultura, afirma que “não há comunicação sem cultura e não há cultura sem comunicação” (p. 23), pois uma é mediada pela outra no processo de produção social.

Como já se pode ter notado, qualquer inferência a respeito de cultura está sujeita à relativização. Cultura é alguma coisa, e ao mesmo tempo não o é. Esse comportamento se estende também para a especialidade jornalística⁵ denominada “jornalismo cultural”, pois a relação entre esses dois campos (jornalismo e cultura) varia conforme o direcionamento que porventura o veículo ou o jornalista queiram dar ao assunto.

Pode-se dizer que, assim como nas demais especialidades, a função do jornalismo cultural é informar cultura, seguindo os princípios básicos (e talvez utópicos) da imparcialidade e objetividade. Por outro lado, pode-se dizer que ele também deveria assumir um papel crítico em relação à produção cultural, sob seus vários aspectos. Informar criticando. Aqui, esbarramos em alguns pontos importantes e que merecem melhor explanação: a questão dos gêneros dentro do jornalismo cultural e a participação deste, direta ou indiretamente, no funcionamento da indústria cultural.

Os gêneros, no jornalismo, definem os diferentes modos de se estruturar as idéias e se aplicar um estilo a um texto. Desse modo, temos principalmente⁶ o gênero informativo (ou factual, onde se situam a nota, a notícia, a reportagem e a entrevista),

⁵ Tentativa de “recortar” a realidade; uma divisão do trabalho jornalístico, de modo que a área possa lançar um olhar sobre a maioria dos fatos sociais.

⁶ Na classificação de José Marques de Melo (COSTA, 2007).



devendo ater-se apenas a relatar os acontecimentos, sem espaço para emissão de juízos de valor; o opinativo (editorial, comentário, artigo, resenha/crítica, caricatura, carta, crônica e coluna); o interpretativo (análise, perfil, etc.); o diversional (também chamado de literário) e o utilitário (prestação de serviços, roteiros, etc.). O que se tem notado ao longo de pesquisas de análise de discurso e conteúdo é que o jornalismo cultural no Brasil tem se prendido cada vez mais aos gêneros informativo e utilitário, abrindo pouco espaço para a crítica e interpretação.

Com o passar do tempo, o jornalismo foi se aproximando cada vez mais da indústria cultural, que enxergou nele uma peça-chave para a consolidação e ampliação do processo de difusão dos seus produtos. A verdade é que “capital e informação andam juntos” (PENA, 2008, p. 99), pois as empresas jornalísticas são, no fim das contas, financiadas pelo capital gerado pela venda de espaços publicitários midiáticos, nos moldes do sistema americano. Assim, a mídia é hoje a grande vitrine da cultura, e quem reconhece esse potencial acaba buscando por espaço.

“Nesse contexto, o conhecimento se torna importante: conhecimento dos novos bens, seu valor social e cultural, e como usá-los de maneira adequada. [...] Esse pode ser particularmente o caso do grupo que Bourdieu (1984) designa como ‘os novos intermediários culturais’, que atuam na mídia, *design*, moda, publicidade e em outras ocupações ‘paraintelectuais’ de informação, cujas atividades profissionais envolvem o desempenho de serviços e a produção, comercialização e divulgação de bens simbólicos. Nas condições de uma oferta cada vez maior de bens simbólicos (Touraine, 1985), cresce a demanda por especialistas e intermediários culturais capazes de vasculhar diversas tradições e culturas para produzir novos bens simbólicos e, além disso, fornecer as interpretações necessárias sobre o seu uso” (FEATHERSTONE, 1995, pp. 38-39).

Heitor Ferraz, professor da Cásper Líbero de São Paulo, acredita que a função do jornalista cultural, assim como de qualquer outro intelectual no Brasil, é uma função pedagógica (In: AZZOLINO, 2008). Seguindo essa lógica, o jornalista cultural acabou se tornando o filtro, o mediador entre a produção artística, no sentido de bens culturais (livros, cd's, espetáculos, etc.), e o público, inclusive exercendo grande influência na formação da sua opinião e nos seus critérios de escolha. Por outro lado, a atividade foi perdendo seu potencial crítico, reduzindo-se a fazer roteiros de consumo cultural para os fins de semana, leituras superficiais e engessadas a respeito das produções (na linha de um pensamento distorcido de que as coisas devem ser apresentadas da forma mais descomplicada possível para o leitor), servindo apenas como instrumento de validação



da indústria cultural. Assim, aos poucos, gêneros como a crítica, a análise e até mesmo a crônica vão perdendo espaço nos jornais, ou sendo relegados a um plano secundário.

Piza (2008) ressalta que houve uma tendência nos últimos anos no sentido de igualar os “segundos cadernos” aos demais, como o policial, por exemplo. Isso se reflete inclusive no tratamento dispensado à linguagem desses cadernos, com a apresentação de títulos pobres, construídos nos moldes comuns, com verbo no presente do indicativo, etc. Em contrapartida, o autor chama a atenção para a importância desses segundos cadernos, muitas vezes subestimados pelos veículos de grande circulação, mas que nas pesquisas de leitura aparecem nas primeiras posições: “é dali que o leitor, muitas vezes, extrai suas referências afetivas, suas pontes cativas com a publicação [...] a seção cultural sempre foi um poderoso vértice de identidade do leitor com a publicação” (pp. 63-64).

O ensino do jornalismo cultural

Partindo dessas primeiras constatações, pergunta-se: como formar bons jornalistas culturais? Não há dúvidas de que a formação acadêmica tem grande influência na realidade e qualidade desse tipo de atuação, o que por si só não garante o preparo suficiente. É preciso trazer consigo certa bagagem cultural, ter um “faro” para o inusitado, sem desvincular cultura e cotidiano. Além disso, durante a universidade é que o futuro jornalista entra em contato com grande parte do conhecimento produzido nas áreas irmãs à sua, como a Sociologia, Antropologia, etc., tem a oportunidade de fazer experimentações e discutir temas importantes à sua formação intelectual, como o próprio conceito de cultura. Em tese, esse aprendizado torna o acadêmico capaz de interpretar com mais riqueza a sua realidade. Mas não sejamos ingênuos. Sabemos que as redações jornalísticas têm seguido cada vez mais um ritmo industrial, em que a pressão e falta de incentivo acabam influenciando bastante na superficialidade que se encontra na maioria da imprensa.

Por outro lado, além dessa formação interdisciplinar, é de extrema importância que o acadêmico de jornalismo tenha a oportunidade de estudar especificamente os aspectos do jornalismo cultural. Em outras palavras, uma disciplina que fizesse uma abordagem específica dos tópicos que compõem a compreensão e prática do jornalismo cultural deveria fazer parte de toda grade curricular dos cursos de jornalismo.

Foi nesse sentido que o programa Rumos Jornalismo Cultural, do Instituto Itaú Cultural, desenvolveu um estudo com o objetivo de mapear o ensino de Jornalismo



Cultural no Brasil no ano de 2008. Dentre outras coisas, esse programa tem como objetivos

“compreender o papel da editoria de cultura na mídia e refletir sobre ele, numa tentativa de promover o diálogo entre todos os atores envolvidos em sua construção: estudantes, jornalistas, dirigentes, acadêmicos, governantes, público, artistas e instituições culturais; pensar o processo de formação dos estudantes de jornalismo e colaborar com essa formação” (AZZOLINO. et al. 2008, p. 7).

Dessa forma, o estudo fez uma sondagem nos 356 cursos de jornalismo existentes no Brasil, segundo dados do Ministério da Educação à época. Resultado: apenas 57 cursos (43 da rede particular e 14 da rede pública, com predominância das regiões Sul e Sudeste) possuíam em suas grades curriculares disciplinas que podiam ser relacionadas ao jornalismo cultural, num total de 126 disciplinas. Lançando mão de critérios um tanto vagos e que, em alguns casos, chegam a gerar dúvidas, a pesquisa ainda classifica essas disciplinas em: plena, em que o conteúdo se resume ao jornalismo cultural; semi-plena, em que o conteúdo de jornalismo cultural é apenas um dos oferecidos durante a disciplina; conteúdo específico, a exemplo do jornalismo literário e fundamentos de cinema; e conteúdo tangencial, no qual se encaixam disciplinas introdutórias e de formação complementar como Cultura Brasileira e Estética.

Assim, o mapeamento do Rumos revelou que apenas 12,7% das disciplinas poderiam ser classificadas como plenas, contra 17,47% de semiplenas, 26,98% de conteúdo específico e 42,85% de conteúdo tangencial.

Em relação à Região Norte, o estudo levou em conta apenas os estados do Pará e Amazonas (Universidade da Amazônia – Unama e Universidade Federal do Amazonas – Ufam, respectivamente), sendo que em nenhuma das instituições é oferecida a disciplina plena de Jornalismo Cultural. Apenas a Unama aparece no estudo como instituição que oferece uma disciplina semiplena (Jornalismo Especializado) e duas de conteúdo tangencial (Estudos da cultura brasileira e Comunicação, cultura e cidadania).

Jornalismo cultural na Ufam

É curioso o fato de a Universidade Federal do Amazonas não ter sido incluída nas estatísticas de nenhuma das categorias de disciplina adotadas pelo mapeamento do Rumos, e é aqui que os critérios da pesquisa se desencontram. Se levarmos em conta esses critérios mais a listagem das 126 disciplinas levantadas pela pesquisa e procedermos a uma análise das matrizes curriculares do curso de Jornalismo da Ufam,



notaremos que pelo menos três disciplinas da grade de 1984 poderiam ter entrado no levantamento. As disciplinas, cujas ementas estão reproduzidas abaixo, são: Comunicação Comparada, Introdução à Antropologia Cultural (obrigatórias) e Teorias do Cinema (optativa). Portanto, pela classificação adotada pelo Rumos, as duas primeiras disciplinas seriam categorizadas como conteúdos tangenciais, e a última como conteúdo específico.

- Introdução à Antropologia Cultural – 2º período

60h | Conteúdo tangencial

Ementa: A Antropologia como ciência – objeto e diferentes métodos. A polêmica entre indivíduo e instituição cultural; a complexidade das culturas; homem x sociedade; a formação dos valores; a ideologia e cultura. Identidade cultural; mudança cultural; a situação indígena no Brasil e na Amazônia.

- Comunicação Comparada – 4º período

60h | Conteúdo tangencial

Ementa: Processos sociais de comunicação. Condição de produção e consumo de mensagens nos diversos meios de comunicação. As políticas que determinam os processos de comunicação: formas de condicionamento e de controle no Brasil e em outros países. Perspectivas históricas dos meios de comunicação na sociedade.

- Teorias do Cinema – optativa

60h | Conteúdo específico

Ementa resumida: Análise circunstancial do surgimento do cinema. Repercussão do cinema na sociedade. Significados do estudo das teorias do cinema. Análise das principais teorias do cinema [...]; o surgimento da narrativa clássica aliada à indústria e à tecnologia digital. Elementos de crítica cinematográfica.

No mapeamento do Rumos (2008) consta ainda uma sugestão de conteúdo programático para o que seria uma disciplina ideal de Jornalismo Cultural, com “os conceitos e as discussões fundamentais que devem ser feitos na disciplina [...] para uma boa formação do futuro jornalista” (p. 67). O estudo aponta, inclusive, em que momento do curso a disciplina deveria ser oferecida (no quinto ou sexto período) e precedida de que outras disciplinas que, a princípio, serviriam de base para o aprendizado do jornalismo cultural. Essas disciplinas precedentes seriam: Antropologia, Estética e cultura de massa, História da Comunicação, História da Arte, Sociologia, Técnica de Entrevista e Reportagem e Jornalismo Literário. Dessas, são oferecidas na grade de 1984, com pequenas variações na nomenclatura, apenas as disciplinas de Antropologia,



História da Comunicação e Técnica de Entrevista e Reportagem. Entretanto, levando em conta as características da disciplina ideal de Jornalismo Cultural proposta pelo estudo (em que são abordados conceitos de cultura e de jornalismo cultural, gêneros textuais e discursivos do jornalismo cultural e processos e produtos culturais na cobertura jornalística), em nossa avaliação, a essa lista poderiam ser acrescentadas também: Teoria da Comunicação e Sociologia da Comunicação, que trabalham assuntos como a indústria cultural, e Técnica de Redação em Jornalismo IV, disciplina citada em algumas entrevistas com professores e alunos e que aborda os gêneros opinativos. Assim, temos:

- Sociologia I - 1º período | 60h
Ementa: A Sociologia como ciência da sociedade industrial. Análise do modo de produção capitalista: classes sociais e relações de produção. Estado e sociedade civil. Estrutura social e história. Cultura.
- Teoria da Comunicação – 2º período | 60h
Ementa: O objeto da Comunicação Social. Contribuições interdisciplinares para a constituição de uma teoria da comunicação. As diversas correntes teóricas. Teorias voltadas para a análise de mensagens (Semiótica). Transformações históricas, processos de comunicação e seu inter-relacionamento.
- História da Comunicação – 3º período | 45h
Ementa: A comunicação oral e os primeiros registros de linguagem. A comunicação na era moderna e contemporânea. Meios audiovisuais, expansão e transformação no Brasil.
- Sociologia da Comunicação – 4º período | 60h
Ementa: Teoria sobre os meios de comunicação de massa. Relações entre educação, comunicação, poder econômico e poder político. Ideologia e comunicação. A sociologia do conhecimento e a sociologia dos meios de comunicação de massa.
- Técnica de Reportagem, Entrevista e Pesquisa em Jornalismo – 5º período | 120h
Ementa: A pauta e sua execução; estilos de entrevistas; coleta de informação; responsabilidade perante as fontes; informação documental; fontes de pesquisa; critérios de avaliação de veracidade. Direcionada aos gêneros: televisivo, radiofônico, impresso e digital.
- Técnica de Redação em Jornalismo IV – 8º período | 90h



Ementa: Técnicas literárias no jornalismo. Ensaios jornalísticos. A reportagem: investigação e interpretação. Redação opinativa.

O que pensam os professores e alunos

A metodologia escolhida para o desenvolvimento deste artigo compreendeu a pesquisa bibliográfica, no intuito de reunir os conceitos e idéias essenciais para um entendimento inicial do jornalismo cultural, além de entrevistas com os principais atores envolvidos quando se fala em questão de ensino: professores e alunos. A intenção era intercalar diferentes percepções acerca do ensino e prática do jornalismo voltado para a cultura, de forma a aprofundar e complementar as discussões elementares que foram levantadas até aqui. Dessa forma, foi perguntado a esses atores, dentre outras coisas, como eles avaliavam a cobertura cultural em Manaus e na região, em que medida as disciplinas apontadas como base contribuíam para o aprendizado do jornalismo cultural, e quais as conseqüências da ausência de uma disciplina específica no curso. A seguir, destacamos alguns trechos:

Prof^o Dr. Sérgio Ivan Gil Braga, antropólogo⁷

“Tive a oportunidade de orientar um projeto de iniciação científica, onde o bolsista discutiu a inserção da própria cultura na mídia. A questão colocada era essa, em que medida a imprensa local, a grande imprensa, trata essas manifestações e expressões culturais. Nós vimos que não há um preparo maior para lidar com esse tipo de informação. Quando você se refere às expressões populares, os grupos folclóricos, por exemplo, bastante significativos a nível local, essa referência está muito calcada nas sessões de cidades, com informações mais voltadas para a questão da quebra da ordem pública, ou seja, quando é caso de polícia.”

“Acho que a Antropologia e a Sociologia podem formar sim, problematizar certos conceitos como a própria cultura, ou a cultura popular e urbana. Primeiro, nem todas as cidades são iguais, as cidades têm uma paisagem, ritmos diferentes, o urbano está sujeito a certos condicionamentos, como o sujeito urbano. Quando você fala de cultura urbana você precisa dar conta de certas especificidades. Agora imagine você um jornalista tendo que passar uma informação, a mais adequada possível, demonstrando certo conhecimento de causa, e dando certo aprofundamento possível, fazer uma boa matéria com um tempo limitado. Isso é um desafio, requer preparo. Claro que se você tem um profissional que passa quatro anos em uma universidade de fato se especializando em expressões culturais, nesse caso, sem desmerecer o talento de outras pessoas, acredito que ele tenha formação pra isso, que ela seja algo conseqüente.”

⁷ Entrevista concedida em 4 de fevereiro de 2010.



“Corremos certo risco ao falar de Amazônia, das coisas da região. Precisamos ter um olhar mais universal sobre as coisas, pois a informação deve ganhar o mundo. Uma coisa que falta aqui, e que já teríamos condições de fazer, seria um caderno de cultura. Já existe, mas é mais voltado para o entretenimento e lazer. Tinham que ter coisas como depoimentos, entrevistas, biografias. Há material e há interesse, independente de periodicidade. Acho que valeria a pena algo nesse sentido.”

“Manaus tem um mercado consumidor bastante segmentado hoje. Espaços alternativos devem ser provocados, e o jornalista tem papel importante nisso enquanto crítico, não no sentido de ir contra, mas imaginando espaços de convivência. Às vezes a crítica se dá de forma muito gratuita e dirigida. O crítico no terreno da cultura tem que ter sensibilidade, mas tem que haver intimidade com o assunto. Tem que gostar, estar muito bem informado, em sintonia com certas tendências; tem que ter um certo investimento, e estar em conexão com o próprio circuito acadêmico.”

Profª Drª Mirna Feitoza, professora do Departamento de Comunicação da Ufam⁸

“Raramente você vê o jornalismo cultural associado com a cultura como manifestação de um determinado povo ou costume. Normalmente ele está associado aos lançamentos. Assim, é possível trabalhar o jornalismo cultural de vários modos, depende do que o jornal entende por cultura e o que ele pretende. Quem determina o que é cultura hoje é o Marketing, então o jornalismo cultural ainda está muito vinculado aos releases; os produtores culturais enviam seus releases e isso vira pauta.”

“[A falta de uma disciplina específica] afeta de algum modo a compreensão do aluno nessa formação, o ideal seria que existisse uma disciplina do currículo ou optativa. Mas se não tem uma disciplina com o nome ‘Jornalismo Cultural’, você tem outras disciplinas, principalmente Teoria da Comunicação, que permite enxergar onde que a Comunicação trabalha com a cultura (indústria cultural), levando o aluno a refletir a Comunicação como disseminadora de produtos culturais. É importante o profissional entender que a área da comunicação é uma indústria também; ele não pode passar impune a essa visão, sob o risco de ser um profissional ingênuo.”

“O jornalismo cultural, assim como todo jornalismo, é um campo de forças de atuação política, no sentido de luta por espaço. Então todos os grupos tentam se legitimar como grupo e como voz atuante na sociedade através do jornalismo. Se os teus eventos, se as tuas ações, não encontram repercussão na mídia, fica complicado você conseguir uma voz dentro da sociedade, de modo geral. No jornalismo cultural é a mesma coisa, tanto que os diversos grupos que atuam na cena cultural buscam esse amparo, cavar espaço dentro do jornal. É importante que

⁸ Entrevista concedida em 10 de fevereiro de 2010.



o jornalista saiba fazer suas escolhas, porque é ele que vai dar essa voz; tem que ter uma visão crítica.”

Profº Antônio José Vale, professor do Decom e especialista em cinema⁹

“Teorias do Cinema é uma disciplina que tem no cerne do seu desenvolvimento o cinema, uma das artes, uma das atividades culturais. Nela tenta-se fazer uma análise de momentos em que essa linguagem foi sendo construída, passando por um ou outro movimento artístico, uns mais próximos outros mais distantes; depois vem a tentativa de descobrir a especificidade do cinema. Os filmes falam sobre fatos que acontecem na realidade, e esses fatos podem ser produtos de expressões culturais de determinados povos, segmentos, assim como também podem não ser. Então é uma disciplina que se presta a dizer que contribui para essa idéia do jornalismo cultural ou de artes, como algumas pessoas chamam.”

“Mesmo que existisse uma disciplina específica de jornalismo cultural isso talvez não alterasse a realidade, porque isso depende de outros fatores. Tirando os fatores da natureza administrativa do jornal, há o despreparo do jornalista para atuar nessa área. Há uma certa estrutura acomodada, e os alunos passam a querer o que está lá fora, não têm ousadia nem pique para ultrapassar a fisionomia do atual jornalismo. Então o despreparo tem basicamente duas causas: a estrutura do curso, que não possui uma disciplina que trate de um outro tipo de jornalismo, por exemplo, essa prática que tem tudo a ver com comunicação, que é a questão das expressões artísticas. Então não tem nenhuma interface do curso com isso. A própria estrutura do curso não alimenta o aluno a novos horizontes. O outro lado da questão é o aluno, que é pouco exigente. Então, se a estrutura do curso é assim, para vencer essa barreira do jornalismo cultural, sem dúvida deveria haver uma pressão do aluno para, ou fazer com que o curso fizesse essa articulação com o curso de artes, por exemplo, ou o próprio aluno tentar buscar isso de outra forma. Se quer um jornalismo diferente em Manaus, tem que mexer nas estruturas de formação.”

“No currículo atual, praticamente não tem abertura para o aluno cursar uma disciplina optativa. É uma ‘carga pesada’, como se diz. Por essa razão, não estão mais sendo oferecidas disciplinas optativas. Há algumas disciplinas do novo currículo em que estão diluídos alguns conteúdos de Teorias do Cinema.”

Cristiane Naiara, graduada em Publicidade e acadêmica do 9º período de Jornalismo¹⁰

“É muita clara a relação do curso com o que acontece na mídia local. É uma consequência praticamente direta da falta de formação em jornalismo cultural. O que se aproxima é Técnica de Redação IV, em que se faz uma leitura sobre produção cultural, no

⁹ Entrevista concedida em 16 de março de 2010.

¹⁰ Entrevista concedida em 10 de fevereiro de 2010.



sentido da escrita em si, independente da leitura que o jornalista faz sobre cultura ou do que precisa abordar. Tem que ter mais teoria para saber reconhecer as coisas, ter o insight.”

Juliana Sá, acadêmica do 5º período de Jornalismo¹¹

“Em relação aos principais jornais impressos e programas de TV da cidade, em grande parte, a cobertura da cultura é prosaica, amadora, a serviço do poder público (secretarias de cultura municipal e estadual) e de empresas de entretenimento e lazer. Exclui-se dessa lista as festas de menor porte, geralmente de bairros, promovidas por associações de moradores ou comunidades próximas a Manaus”

“Enquanto muitos se julgam qualificados a exercer juízo de valor sobre qualquer manifestação, influência ou representação cultural, o jornalismo amazonense, em termos de crítica e produção sobre o tema, é situado aquém da média do país. Padece pela falta de capacitação, que poderia ser revertida pela oferta de disciplinas específicas na graduação e uma especialidade em pós-graduação. Independente da falta de tato ou afinidade daqueles que se propõem a tratar do tema - ou são incumbidos dessa missão - fato é que a ausência de estudos voltados ao Jornalismo Cultural na única universidade pública do Amazonas a oferecer o curso de graduação possui sua parcela de responsabilidade pela incipiente produção cultural exibida nos jornais diários, nas matérias televisivas e nos artigos em revistas.”

Considerações

Ao longo deste artigo, tentou-se delimitar e expor as principais discussões que perpassam a maioria das análises em jornalismo cultural: problematizações em torno do conceito de cultura; como o jornalismo, enquanto campo de atuação sociopolítica vem se posicionando em relação a ela, e, mais ainda, o lugar que a formação acadêmica ocupa, especialmente em tempos de não-obrigatoriedade do diploma, no desempenho das atividades jornalísticas como um todo.

Em relação à situação do curso de Jornalismo da Ufam, o que se pode concluir?

- Em termos de cultura e de análise cultural, pelo menos até o ano de 2012, em que se forma a última turma que ingressou pela matriz curricular de 1984, o curso vai deixar a desejar. Vem deixando a desejar há vinte e seis anos, uma vez que a cultura, enquanto fenômeno social, ao menos formalmente, vem sendo tratada desde então de maneira esporádica e pontual, como na disciplina de Introdução à Antropologia;
- Do ponto de vista técnico, apenas em disciplinas como Técnica de Redação em Jornalismo IV é que se pode vislumbrar algum conteúdo estritamente

¹¹ Entrevista concedida em 22 de fevereiro de 2010.



relacionado ao jornalismo cultural, que corresponde ao estudo dos gêneros opinativos e das técnicas de escrita compartilhadas pelo jornalismo e pela literatura;

- Nas demais, o estabelecimento das relações cultura/jornalismo fica a critério do professor, de acordo com o perfil que ele queira porventura dar à disciplina;
- Teorias do Cinema, apesar de ter sido oferecida como optativa na antiga grade, ou seja, com uma periodicidade irregular, ainda foi a que mais se aproximou das temáticas do jornalismo cultural, na medida em que a sua ementa se propunha a estudar a evolução do cinema ao longo da história e, por fim, iniciar os acadêmicos na prática da crítica cinematográfica;
- A perspectiva que vem sendo alimentada, principalmente por parte dos professores do Departamento de Comunicação Social da Ufam, é que a nova matriz curricular, resultado de alguns anos de discussões e que passou a ser aplicada com a turma que ingressou em 2009, contemple melhor as questões do jornalismo cultural, apesar de ela ainda não oferecer uma disciplina plena nesse sentido;
- Algumas disciplinas do antigo currículo se mantêm no novo, como é o caso de Teoria da Comunicação, Sociologia da Comunicação e Introdução à Antropologia Cultural. Outras disciplinas novas, como Tópicos Especiais em Jornalismo I, II e III, Linguagem Cinematográfica e Audiovisual, Teoria Estética do Audiovisual e Jornalismo Especializado é que oferecem abertura para que se desenvolvam conteúdos relacionados ao campo de atuação do jornalista cultural;
- O que fica evidente, e o que já acontecia na matriz anterior, é que o estudo da relação cultura/jornalismo é feito de forma fragmentada ao longo do curso, o que acaba comprometendo a formação do acadêmico nessa área.

Em uma cidade como Manaus, em que os cadernos de cultura dos jornais de grande circulação são encarados como “variedades” (SENA, 2008), em que as páginas dos “segundos cadernos” estão tomadas por publicidade e colunismo social, e cujas expressões culturais locais carecem de autenticidade e crítica (GRAÇA, 1985), é preciso que se proponha constantemente uma discussão a respeito dos rumos que a cultura vem tomando em nosso Estado, principalmente a partir de uma análise crítica do jornalismo cultural que se faz no dia-a-dia e da formação de nossos intermediários culturais. Talvez esse seja o caminho, aliado ao estímulo da criatividade, ousadia, engajamento e



capacitação dos acadêmicos e profissionais, para superarmos a visão folclorizante e primitivista que muitas vezes se tem da cultura amazônica, historicamente moldada pelo isolamento e pela impossibilidade de intercambiar seus bens culturais (LOUREIRO, 1995).

Referências

AZZOLINO, Adriana Pessatte et al. **Mapeamento - O ensino de Jornalismo Cultural no Brasil em 2008**: carteira professor de graduação. São Paulo: Itaú Cultural, 2008.

COSTA, Lailton Alves. **Jornalismo Brasileiro**. Anais do XXX Intercom, Santos, 2007. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2007/resumos/R2197-1.pdf>. Acesso em: 05 de abril.

FEATHERSTONE, Mike. **Cultura de consumo e pós-modernismo**. Traduzido por Julio Assis Simões. São Paulo: Studio Nobel, 1995.

FREITAG, Barbara. O conteúdo programático da teoria crítica. In: **A Teoria Crítica ontem e hoje**. 5.ed. São Paulo: Brasiliense, 2004. pp. 31-104.

GRAÇA, Paulo et al. **Arte e Delírio**: reflexões sobre a cultura no Amazonas. Manaus: Calderaro, 1985.

KELLNER, Douglas. **A Cultura da Mídia**. Tradução de Ivone Castilho. Bauru: Edusc, 2001.

LAGO, Cláudia; BENETTI, Marcia (Org.). **Metodologia de Pesquisa em Jornalismo**. Coleção Fazer Jornalismo. Petrópolis: Vozes, 2007.

LOUREIRO, João de Jesus Paes. **Cultura amazônica**: uma poética do imaginário. Belém: Cejup, 1995.

PENA, Felipe. Empresas jornalísticas e controle de informação. In: **Teoria do jornalismo**. 2.ed. São Paulo: Contexto, 2008. pp. 96-103

PIZA, Daniel. **Jornalismo Cultural**. 3.ed. São Paulo: Contexto, 2008.

SANTOS, José Luiz dos. **O que é cultura**. In: Primeiros Passos. São Paulo: Círculo do Livro, [s.d.]. v. 14, 11-60.

SENA, Vanessa da Costa. **A presença da crítica cinematográfica nos jornais de Manaus**. Manaus: Ufam, 2008. Monografia (Graduação em Com. Social/Jornalismo), ICHL, Universidade Federal do Amazonas, 2008.

THOMPSON, John B. O conceito de cultura. In: **Ideologia e cultura moderna**. 3.ed. Petrópolis: Vozes, 1995. pp. 167-203.